

2019

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NAS CARTAS DE JOSÉ DE ANCHIETA

Por Jacqueline Lopes

**Programa de Pós-Graduação
em História Ibérica/ Mestrado Profissional**

Universidade Federal de Alfenas-Unifal/MG

UNIFAL/MG

***A REPRESENTAÇÃO
DA MULHER
INDÍGENA NAS
CARTAS DE JOSÉ DE
ANCHIETA***

JACQUELINE LOPES

2019

APRESENTAÇÃO

Reconhecendo o valor e abrangência da tecnologia e o Ensino de História quando unidos, subsidiado pela Pós-graduação de História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG, foi desenvolvido um objeto de aprendizagem sobre a representação da mulher indígena nas cartas de José de Anchieta.

Sob orientação da Professora Dr^a. Aparecida Maria Nunes, eu, mestranda Jacqueline Lopes, ofereço um *e-book* com o objetivo de contribuir com um material didático e propostas de aplicações em sala de aula, para professores de História e/ou da área de Humanas de todo Brasil.

Como proposta pedagógica, pensou-se como público-alvo o 3º ano do Ensino Médio.

E SE NOSSA HISTÓRIA TIVESSE OUTRO NARRADOR?

As cartas jesuíticas são registros importantes sobre a história do Brasil Colônia, mais especificamente, sobre o século XVI. Vocês já reparou que a maior parte do que sabemos sobre os índios e a colonização do Brasil é a partir do relato dos colonizadores portugueses? Você já parou para pensar como a história seria diferente se fosse contada pelo ponto de vista dos índios? Ou melhor, das índias?

Infelizmente não há essa possibilidade, pelo fato de os indígenas brasileiros serem **ágrafos**, isto é, não fazia parte da cultura deles a representação escrita. No entanto, podemos contar com uma personalidade de grande relevância histórica no Brasil, o Pe. José de Anchieta. Embora seja um homem branco, europeu e cristão, graças a ele e suas qualidades relacionadas aos aspectos linguísticos, sua postura minuciosa e esmiuçadora e sua proximidade dele com os nativos, hoje podemos contar com um considerável número de relatos acerca da fauna, da flora e dos costumes e da língua indígenas.



Por meio das cartas que Anchieta escrevia, comandado pela Companhia de Jesus, buscaremos criar uma **representação da mulher indígena do Brasil Colônia.**



MAS...
O QUE É
REPRESENTAÇÃO
?

Observe como o conceito de representação está relacionado ao do imaginário.

REPRESENTAÇÃO

Quadro, escultura ou gravura que reproduz uma coisa ou pessoa. Exposição verbal ou escrita do que temos na **mente**.

Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/representa%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 24-08-2019].

IMAGINÁRIO

Parte do mundo real, do cotidiano, não é algo independente. Na verdade, ele diz respeito diretamente às formas de viver e de pensar de uma sociedade. As imagens que o constituem não são iconográficas, ou seja, não são fotos, filmes, imagens concretas, mas sim figuras de memória, imagens mentais que representam as coisas que temos no nosso cotidiano.

(fonte: Dicionário de Conceitos Históricos; Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva. Editora contexto).

Cada imaginário possui uma ou mais imagens ideais de mulher, possui uma ou várias imagens da morte, da vida, de Deus, do governo, da Nação, do trabalho etc. Essas imagens são construídas na memória coletiva a partir da forma como as pessoas, em seus grupos sociais, entendem o cotidiano ao seu redor, ou seja, em íntima conexão com o de imaginário e diz respeito à forma pela qual um indivíduo ou um grupo vê determinada imagem, determinado elemento de sua cultura ou sociedade.

ENTENDA MELHOR A RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO



(Representações do índio produzidas pelo artista holandês Albert Eckhout).

Você pode perceber que essas imagens não são de fato os indígenas, mas sim a **representação** deles a partir do imaginário do artista pela pintura. No caso, o artista está conectado com seu **imaginário** e representa os indígenas conforme ele os vê ou imagina.

A representação do imaginário não acontece somente no desenho ou na pintura, mas também no discurso.



(Por Candido Portinari- fonte:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra38274/padre-anchieta>)

Por isso, ao ler as cartas do José de Anchieta sobre os índios, devemos pensar que se trata do imaginário de:

- um homem;
- um cristão;
- um europeu;
- um catequizador;
- um funcionário da Companhia de Jesus.

REFLITA!

Como seria o discurso de um indígena sobre sua própria cultura e sua própria terra?

Anchieta- Jesuíta



A COMPANHIA DE JESUS E A HISTÓRIA DO BRASIL COLÔNIA



A Companhia de Jesus deixou informações relevantes para a História e demonstrou, com palavras, as relações entre o sacerdote e o profano. O vínculo entre eles não era distante fisicamente e se baseava, sobretudo, na busca de anunciar, ao indígena, o evangelho. Tal ação é pautada em um Código e, de certa forma, toda prática, inclusive a de escrita, é normatizada.

Ainda que a intenção da Companhia de Jesus fosse **catequizar os índios**, fazendo com que abrissem mão de sua cultura para fortalecer o cristianismo no Brasil Colônia, existe um compromisso com o relato de quem pode presenciar um importante momento da história do Brasil. Ainda que sejam relatos sob a ótica dos jesuítas, é a forma que temos, hoje, de nos aproximarmos da cultura indígena, que influenciou a nossa própria cultura de diversas formas: nossa língua, nosso hábito de tomar banhos todos os dias, nossa alimentação, nossos artesanatos, nossas crenças etc.



Saiba mais sobre a Companhia de Jesus

<http://www.jesuitasbrasil.com/newportal>

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/companhia-jesus.htm>

<https://www.historia-brasil.com/colonia/jesuitas.htm>



Hora da pipoca

Para entender mais sobre a Companhia de Jesus, sua missão no Novo Mundo, e sua fundação, assista aos filmes disponibilizados no **Youtube** e, também, na **Netflix**.

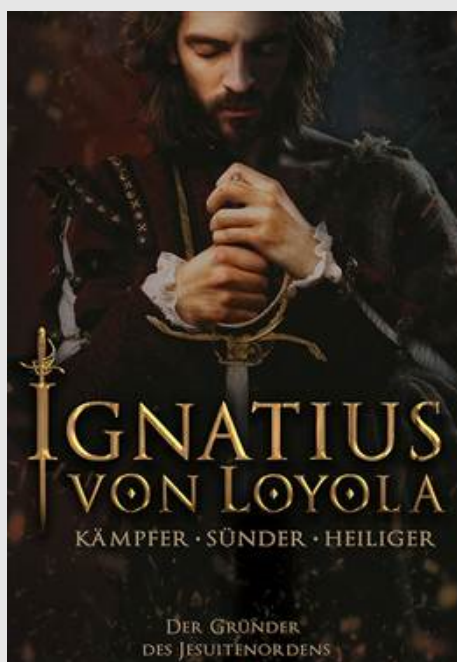
1) “A missão”

<https://www.youtube.com/watch?v=1BV750jqUFw>

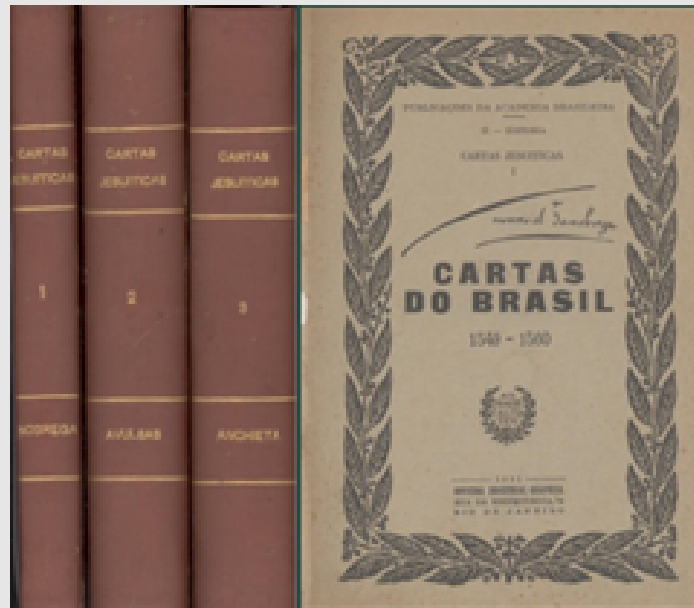


2) “Santo Inácio de Loyola”

<https://www.youtube.com/watch?v=PMucKwhzVUU>



Por que estudar as cartas jesuítas?



(fonte da imagem: <http://www.babelleiloes.com.br/peca.asp?ID=987206>)

As cartas jesuíticas são documentos/arquivos que servem de **fonte de informações**. Já que nossos indígenas do século XVI não conheciam a escrita, somente nos é possível conhecê-los por meio do olhar do outro, no caso, os europeus que ali conviveram.

Quais eram os objetivos das cartas jesuíticas?

- A coleta e divulgação de informações sobre as tribos litorâneas com que os portugueses fazem contato, principalmente sobre sua língua, o *nheengatu*, com a finalidade de confecção de gramáticas e sua aprendizagem por jovens missionários já na Europa, antes de saírem para missões no Brasil.
- O controle interno da missão pelos superiores da Ordem em Roma, que exigiam relatórios minuciosos sobre o dia a dia dos padres e informações sobre causas de desânimos e crises.
- O reforço do entusiasmo catequético por meio da remessa de cartas para outras missões, em que são lidas como edificação.
- Proporcionar leitura às elites letradas da Europa, que passam a demonstrar interesse “etnográfico” pelas novidades maravilhosas do Novo Mundo.

(FONTE: HANSEN, 2005, p. 17)

Além de informações sobre o dia a dia dos jesuítas, a fauna e a flora do Brasil Colônia, as cartas traziam diversas informações sobre o índio; são estas que instigavam e despertavam interesse de um público. Inclusive, segundo Filipi Eduardo Moreau (2003) algumas foram vertidas para o latim e enviadas às missões de outras partes do mundo, como Alemanha, Índia, China), servindo de exemplo, estímulo, ou mesmo como prova de milagre.

As cartas seguiam instruções rigorosas quanto ao assunto, forma e conteúdo. Afinal, o interesse político era mostrar suas atuações no Novo Mundo e despertar novas vocações missionárias. Havia documentos da Companhia de Jesus, com as Constituições e os **exercícios espirituais** que guiavam o redator da carta. Entretanto, mesmo com estes moldes, estruturas e edições, que revelam as formas agir e pensar, é preciso deixar claro que há vida nas cartas jesuíticas.



Porém, é possível sentir o texto, as correspondências são inspiradoras (e tinham o objetivo de ser). Neste sentido, certamente, cativou o público da época, assim como o de agora, justamente por trazer vivências reais e contatos. Enfim, há uma “invenção na escrita” no sentido forma, há, também, no sentido conteúdo. Cada carta traz um olhar, um ângulo que outro não vivenciou, há alguém com a pena na mão, alguém vivo, porém disciplinado e em conformidade com o que lhe era solicitado.

O discurso do PE. José de Anchieta revela o desejo de uma sociedade válida e, sobretudo, de um modelo aceitável e cobiçado durante o processo de colonização do país. E é isso que se busca, este conhecimento que é tão válido para a formação intelectual humana.

Qual é a representação da mulher indígena nas cartas de Anchieta?

A mulher indígena aparece com frequência nas cartas, assumindo característica ora selvagem e nefasta, ora mais dedicada ao se tornar cristã. Com uma leitura cuidadosa dos fragmentos a seguir, busque se aproximar do que a **mulher indígena** realmente era, com a mente livre dos ideais europeus, masculinos e cristão.

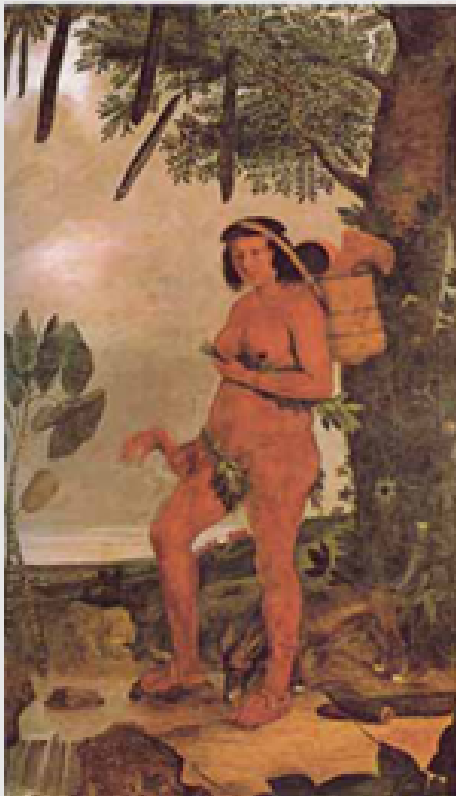


Figura 4: Albert Eckhout. Mulher Tapuia. 272 x 165 cm, óleo sobre tela, Ethnographic Collection. The National Museum of Denmark, Copenhagen, 1641.

A nudez

"E, ao chegarem aos anos da discrição, manda-los a Espanha, onde há menos inconvenientes e perigos para serem ruins, do que aqui, onde as mulheres andam nuas e não se sabem negar a ninguém, antes elas mesmas acometem e importunam aos homens, lançando-se com eles nas redes, porque têm por honra dormir com os cristãos. "

(ANCHIETA. 1554)

O fato de os indígenas estarem nus seria uma similitude com Adão e Eva. Este fato fora relatado em uma carta do Ir. Anchieta, em julho de 1554, Piratininga, endereçada a Loyola. Nesta carta menciona, ele sobre os meninos órfãos portugueses que chegaram no Brasil e a preocupação com o "acesso" à nudez feminina e os perigos da "fornicação", a ponto de desejar que, em certa idade, seria conveniente enviá-los para Espanha, como se essa fosse a única saída para fugir do pecado.

Poligamia, casamentos e concubinatos

"Batizamos todos os pequenos, e algumas moças, as quais depois que crescerem possam casar com os moços que se ensinam na escola. Um desses catecúmenos pediu-nos uma destas moças cristãs por mulher, negamos-lha porque ele já tinha outra, e filhos dela, e não tinha nenhum aparelho para se poder batizar. Mas ele (como têm por costume) foi-se ao irmão da moça, pediu-lha e houve-a, a qual depois que esteve com ele sete, ou oito dias, repreendida por nós outros, arrependida se apartou dele, e saiu-se de casa para nunca mais tornar a ele. Ele tomando-a por força, a tosquiou e como não quisesse consentir com sua má vontade a queimou, e lhe fez muitas chagas, a qual, deitando-o de si, se acolheu á casa de uns Cristãos, querendo antes morrer que consentir no pecado. E como ele a quisesse tirar e levar por força, acudimos nós outros esforçando-a a que estivesse firme, e repreendendo ao outro, porque queria ter por manceba esta que era já batizada, tendo ele outra mulher, e não sendo cristão. Vencido com as nossas palavras se foi (...)" (ANCHIETA, 1557)

Na carta quadrimestre (IX) de 1556, de setembro até o fim de dezembro, abril de 1557, Anchieta fala sobre a **poligamia** existente entre os nativos e algumas formas de intervenções pelos jesuítas nesta prática, considerada por eles, incorreta.



"Os índios do Brasil parece que nunca têm ânimo de se obrigar, nem o marido á mulher, nem a mulher ao marido, quando se casam: e por isso a mulher nunca se agasta porque o marido tome outra ou outras, reste com elas muito ou pouco tempo, sem ter conversação com ela, ainda que seja a primeira; e ainda que a deixe de todo, não faz caso disso, porque se é ainda moça, ela toma outro, e se é velha assim fica sem esse sentimento, sem lhe parecer que o varão lhe faz injúria nisso, sobretudo se isso o serve e lhe dá de comer, etc." (ANCHIETA, 1585)

Nesta carta (XXXIII), "Informação dos casamentos dos Índios do Brasil", 1585, Anchieta traz novamente a questão da poligamia, revelando como as mulheres indígenas se comportam com naturalidade ao dividirem o marido com outras mulheres, tendo elas o mesmo direito de se relacionarem com outros homens, caso quisessem.

Índia-manceba

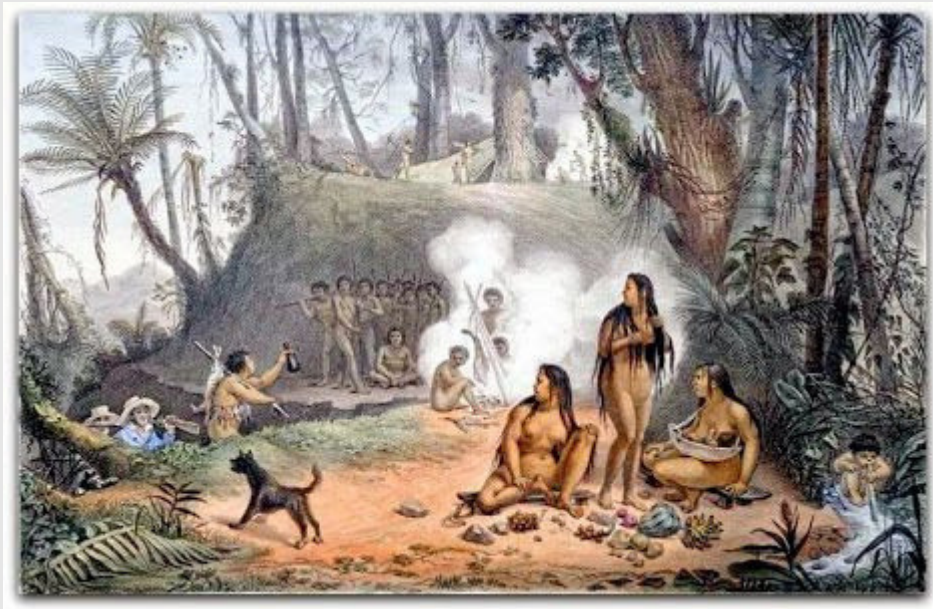
"Consegue-se abundantíssimo fruto, porque uns contraem matrimônio com as concubinas, suas escravas; e outros começam a viver no caminho da salvação, apartando-as de si. Nisto brilha sobretudo a virtude dum grande e nobre senhor que entrou na via reta da salvação, repudiando a concubina com quem vivera unido muito tempo e da qual tivera filhos." (ANCHIETA, 1554)



Na carta do quadrimestre de maio a setembro de 1554, de Anchieta para Loyola, escrita em São Paulo de Piratinga, o religioso destaca os feitos da missão na terceira Capitania (Espírito Santo). As ações dos religiosos se baseavam, principalmente, em evitar o concubinato de homens com mulheres indígenas, apontando o matrimônio como a única forma de evitar o pecado.

Partos, abortos, relações entre as mulheres indígenas e seus filhos

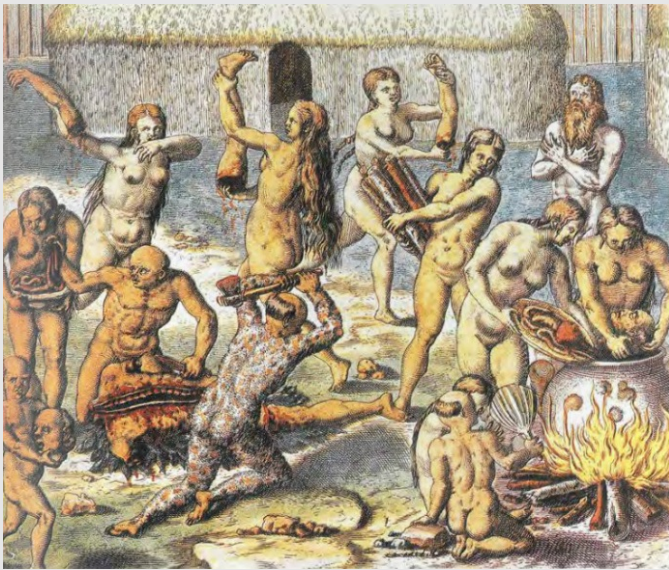
"Não ignorando elas isso, mal começam a sentir as dores, logo as mandam pedir, havendo antes confessado. No meio destas coisas acontece que se batizam e mandam ao céu algumas crianças, que nascem semimortas, e outras movidas, o que acontece muitas vezes, mais por malícia humana que por desastre, porque estas mulheres brasílicas abortam com muita facilidade. (...) Ou iradas contra seus maridos ou, as que não os têm, por medo ou por outra qualquer ocasião muito leviana, matam os filhos, ou bebendo para isso algumas beberagens, ou apertando a barriga, ou tomando alguma carga excessiva e de outras muitas maneiras, que a crueldade inumana faz inventar." (ANCHIETA, 1560)



A risada da mulher indígena

Em maio de 1560, em São Vicente, Ir. José de Anchieta escreveu para o Geral Laínez contando sobre a natureza de São Vicente, inclusive sobre uma forte tempestade que abalou tudo, mas nem por isso índios deixaram de beber e cantar. A alegria e o costume de rir dos indígenas contrariava os pensamentos cristãos. Ao mencionar que dissera ao pajé que a tempestade seria castigo de Deus, este argumenta dizendo que conhecia Deus e seu filho e que a ventania que aconteceu estava relaciona com seus pedidos a Ele. Anchieta complementa que as mulheres riram: "...Isto disse ele. E respondendo-lhe o padre "mentes", as mulheres já cristãs, que ai estavam e a quem ensinamos, não puderam conter o riso, escarnecendo da loucura do feiticeiro."

Ritual: a mulher indígena na antropofagia



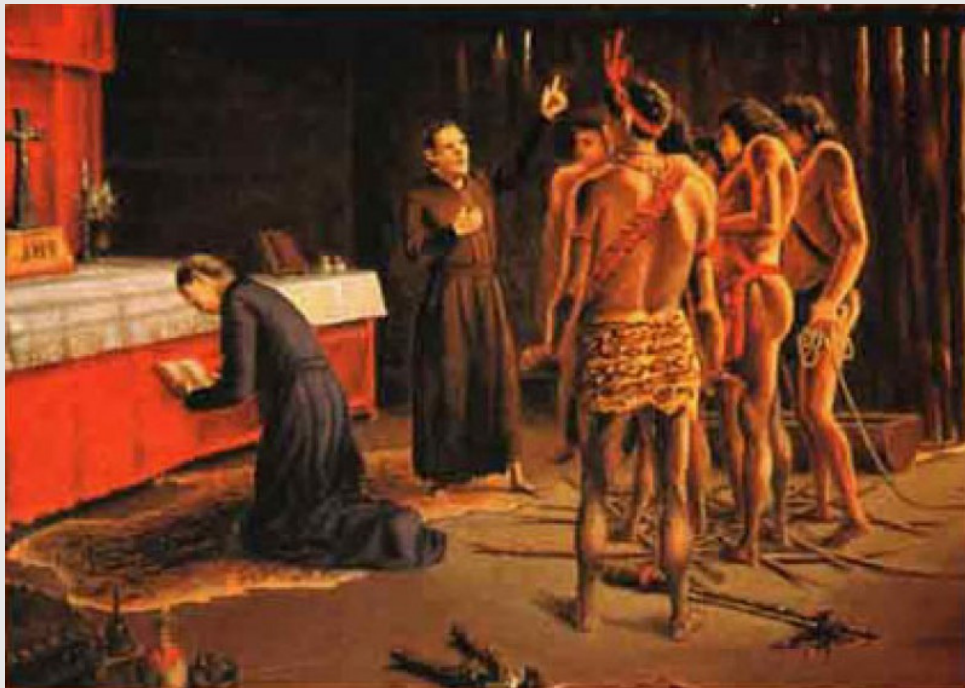
Na carta de 1560 dirigida ao geral P. Diogo Laínez, Anchieta traz à tona uma outra questão que implica na formação do **retrato da mulher indígena**. Ele menciona a relação da índia com os **rituais de antropofagia**, trazendo a figura da “velha”, neste caso, aconselhando a morte do cativo.

"Nos dias passados, indo contra os inimigos, venceram um lugar e tomaram cativos a muitos, dos quais se dizia que um iria ser morto numa povoação próxima de Piratininga, com seus cantares, vinhos e festas, como é costume. Sabendo disso o P. Luís da Grã, foi lá para o proibir. Rogou aos moradores que não haviam de deixar sujar sua aldeia, em que havia tantos cristãos, com derramamento de sangue inocente. Mas como depois houvesse fama, que se aparelhava tudo o necessário para a matança, tornou lá uma e outra vez, estando aquela aldeia quatro milhas de Piratininga. E embora os que já eram batizados promettesse que não se faria, todavia seu senhor, que o cativara, infiel, que ali viera de outra parte, para ganhar aquela misérrima e torpíssima honra, e induzido pelo conselho de algumas velhas, determinou matá-lo e tomar seu nome por insígnia honorífica." (ANCHIETA, 1560)

"(...) mas tornaram logo outros muitos com ele feito um mangote, e grande multidão de mulheres, que faziam tal trisca e barafunda que não havia quem se ouvisse, umas gritando que o matassem, outras que não, que estavam cá seus maridos e lhes fariam mal os nossos se o soubessem; os índios como lobos puxavam por ele com grande fúria, finalmente o levaram fora e lhe quebraram a cabeça, e junto com ele mataram outro seu contrário, os quais logo despedaçaram com grandíssimo regosijo, maximé das mulheres, as quais andavam cantando e bailando, umas lhes espetavam com paus agudos os membros cortados, outras untavam as mãos com a gordura deles e andavam untando as caras e bocas às outras, e tal havia que colhia o sangue com as mãos e o lambia, espetáculo abominável, de maneira que tiveram uma boa carniçaria com que se faltar." (ANCHIETA, 1565)

Mulheres indígenas convertidas: “salvas”

O ideal de mulher defendido pelos cristãos era a Virgem Maria. No entanto, as índias em nada se assemelhavam a essa figura e eram vistas mais como a figura bíblica da Eva no paraíso, isto é, um retrato do pecado original. Quando um indígena era convertido, era considerado "salvo" pelos jesuítas. Em se tratando de uma mulher indígena, havia uma expectativa muito maior, porque se acreditava que elas viviam em pecado, justamente por sua nudez e suas práticas sexuais tão livres em relação às europeias. Desta forma, pode-se notar nos trechos a seguir a figura da índia frente ao olhar carregado, mas em várias esferas: apegada a suas raízes culturais; convertida; resistente.



"Na precedente quadrimestre explicou-se por miúdo o que se passa entre nós; agora tratarei brevemente do que se oferecer. Seguimos a mesma ordem na doutrina dos índios: chamam-se todos os dias duas vezes à Igreja, a toque de campainha, ao qual acodem as mulheres ora umas ora outras, e não só aprendem as orações na própria língua, mas também ouvem práticas e são instruídas no conhecimento das coisas da fé. Algumas são tão fervorosas que não passa quase dia que não venham duas vezes à Igreja, sem deixar de o fazer por causa do frio, que é agudíssimo neste tempo; algumas confessam-se e recebem o sacramento do Corpo do Senhor duas ou três vezes por ano." (ANCHIETA, 1556)

"Em Jaraibatiba, de que fiz menção na anterior e que fica a seis milhas daqui, procede-se em boa ordem na doutrina cristã e também lá as mulheres e alguns homens vêm à Igreja duas vezes; entre estes não falta quem, andando a cultivar os campos, conte muito bem o número dos dias e, chegando o sábado, deixe o trabalho e venha à aldeia para assistir no dia seguinte à solenidade da missa; e mais ainda, nos dias em que se proíbe comer carne, também dela se abstem fora da aldeia, de maneira que, quando estão longe dos irmãos no tempo da Quaresma, comendo os outros carne, eles, dando por motivo os costumes cristãos que adotaram, abstiveram-se das comidas proibidas. "(ANCHIETA, 1556)

"Observam-se em muitos, máxime nas mulheres, assim livres como escravas, mui manifestos sinais de virtude, principalmente em fugir e detestar a luxúria, que sendo comum pernície do gênero humano, nesta gente parece que teve sempre, não somente imperioso senhorio, mas até tirania muito cruel."(ANCHIETA, 1560)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Anchieta, apóstolo do Brasil, dominava diversas esferas do conhecimento, educacional, literário, teológico, o que fez com que suas cartas fossem importantes documentos sobre o Brasil Colônia, pois além de revelar informações detalhadas sobre a fauna, a flora e os costumes indígenas, informa sobre detalhes do processo de colonização.
- Os primeiros habitantes do Brasil, os indígenas, eram ágrafos. Por isso, as cartas da Companhia de Jesus são algumas das poucas fontes de informações que possuímos hoje sobre sua cultura e seu modo de vida.
- É importante saber separar o conteúdo do relato das cartas do olhar dos jesuítas acerca do índio, isto é, um olhar de homem europeu, cristão e dominador.
- As mulheres indígenas, aos olhos dos jesuítas, viviam em pecado, por andarem nuas e por suas práticas de poligamia, até a sua conversão ao cristianismo, quando eram consideradas "salvas".

Fim!

Referências Bibliográficas

ANCHIETA, José de, Pe. Cartas: Correspondência Ativa e Passiva. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

ANCHIETA, José de, Pe. Minhas Cartas Por José de Anchieta. São Paulo: Associação Comercial de São Paulo (org), Editora Melhoramentos, Pátio do Collegio, 2004.

HANSEN, João Adolfo. O nu e a luz: cartas dos jesuítas do Brasil. Nóbrega – 1549- 1558.

HERNANDES, Paulo Romualdo. A Companhia de Jesus No Século XVI e o Brasil. Revista HISTEDBR On-line, v. 40, p. 222-244, 2010.

HUE, Sheila Moura. Primeiras Cartas do Brasil [1551 – 155]/tradução e notas. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2006.

MOREAU, Filipe Eduardo. Os índios nas cartas de Nóbrega e Anchieta – Filipe Eduardo Moreau – São Paulo: Annablume, 2003.